



maçã  
do amor



Esta revista é mantida pelo trabalho de voluntários

REVISTA MAÇÃ DO AMOR



*Uma revista cheia de açúcar*

AÇÚCAR E TEMPERO

SETEMBRO DE 2023

SÃO PAULO-SP

A Revista Maçã do Amor é uma publicação digital cujo objetivo é divulgar e unir artistas de escrita e artes visuais, valorizando e expondo a arte nacional. A Maçã do Amor acredita em duas coisas: que todo mundo merece uma história de amor e que cada um tem uma visão única do que é amor, por isso a proposta é colocar em destaque o amor romântico.

Nossa missão é incentivar escritores e artistas visuais a descobrirem seu potencial criativo, entrando em contato com seus sentimentos e promovendo troca de experiência e valorização de artistas nacionais.

# Carta da Editora

---

Querido leitor,

Quais são os ingredientes perfeitos para uma boa história de amor?

Uma pitada de carisma para os protagonistas, algumas colheres de conflito para criar interesse, talvez uma xícara e meia de situações improváveis que levam a revelações surpreendentes, e, dependendo do interesse, um pouco de baunilha ou um toque de pimenta?

A verdade é que o segredo para uma boa receita está na habilidade daqueles que a preparam, e na vontade daqueles que aguardam para degustar. Afinal, há gosto para tudo nesse mundo.

Em “Açúcar e tempero” reunimos histórias em que a comida é uma forma de comunicar o amor entre os personagens. Demonstrações de afeto são descritas como passar horas preparando um jantar ou então enfrentar filas de mercado imensas; as receitas mais importantes são aquelas recheadas de intenção e, às vezes, de nostalgia, enquanto declarações de amor podem ser aquele doce preparado na hora e no momento certo ou mesmo uma receita guardada a sete chaves.

Espero que você esteja preparado para o banquete desta edição, pois o cardápio que lhe espera nessas próximas páginas, eu te garanto, vai te fazer querer lambar os pratos e te deixar com gostinho de quero mais.

Com amor e gotas de chocolate,

**Ana Ferrari**

<b>Brigadeiro e Canela</b>	<b>7</b>
Coral Daia	
<b>Como Água para Chocolate</b>	<b>23</b>
David Ehrlich	
<b>Tempero do Amor</b>	<b>29</b>
Kênia Diógenes	
<b>Poção do Amor</b>	<b>40</b>
Thaís Melo	
<b>Sachertorte</b>	<b>42</b>
T. F. Reynard	
<b>Receita para Ser Feliz no Amor</b>	<b>55</b>
May Poetisa	
<b>O Pote de Sopa no Fim do Arco-Íris</b>	<b>57</b>
Coral Daia	
<b>Biscoitos do Amor</b>	<b>70</b>



# Brigadeiro e Canela

**AUTORIA** CORAL DAIA

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** CAMILA PAIXÃO



Coral Daia é escritora de São Paulo, capital, mas atualmente mora no Recife. É mestre em oceanografia biológica pela FURG, mas vem publicando contos e ficções relâmpago desde 2019 em revistas, antologias e newsletters. Publicou a novela “Lua Errante” em 2019 e o conto “Inexistência aguda” em 2022 de forma independente. Hoje, trabalha como capista e leitora crítica. Além disso, ilustra e faz quadrinhos.

Clara se perguntou o que diabos estava fazendo ali, em frente a um bistrô. Estava tão desesperada por um modo de pagar o aluguel que iria se candidatar à vaga de garçõnete mesmo entendendo nada de atendimento ao cliente ou culinária. Queria trabalhar na área da engenharia, mas seu diploma não parecia estar valendo muito. Evitou pensar demais nisso e entrou.

Do lado esquerdo, havia um bar com acesso à cozinha e, à direita, uma pequena rampa levava até um jardim onde mesas se espalhavam, cheias de gente. Não apenas o lugar era bonito por dentro, como os pratos que os garçons carregavam pareciam fotografias, davam água na boca e cheiravam bem.

Atordoada, Clara abordou o primeiro funcionário que viu:

— Licença, gostaria de falar com a *chef* sobre a vaga de emprego...

— Você pode esperar no bar — respondeu o rapaz de avental preto, cujo crachá dizia Rafael. Ele era alto, bonito e fazia o tipo de Clara com aquele cabelo loiro e os braços torneados. — Ela já deve vir falar com você.

Clara assentiu, mas continuou procurando pela *chef* por cima da cabeça dele. Tinha outras prioridades no momento.

— Olha, ela vai aparecer quando aparecer. — Ele deu um tapinha duro no seu ombro, quase a fazendo ir para a frente. — Beba um pouco d'água se está tão nervosa.

Clara abriu a boca para retrucar, mas o rapaz lhe deu as costas, ocupado com o próprio trabalho. Sem querer arranjar barraco no meio do restaurante, Clara se recolheu no bar, um balcão alto de madeira com vários tipos de cerveja artesanal e um expositor de doces e sobremesas.

— Aceita alguma coisa? — perguntou a moça atrás do balcão assim que Clara se aproximou. No seu crachá lia-se Tamires. — Uma água, algum prato especial...

— Não, obrigada — respondeu Clara ainda olhando em volta. — Já almocei.

— Não gostaria nem de experimentar um docinho? Rafael que faz os brigadeiros da vitrine, são uma delícia...

— Não, obrigada.

— Como vai saber como entregar os pedidos se nem sabe o gosto que eles têm? — disse uma voz às suas costas.

Clara se virou imediatamente. Deparou-se com a *chef*, a única de uniforme branco. Mas ela não era uma *chef* qualquer — ela parecia a juíza de uma competição de culinária, com olhos astutos, que não apenas observavam, mas analisavam, escrutinavam e avaliavam os pratos e as pessoas. Clara engoliu em seco.

— Meu nome é Clara, entrei em contato com você...

— Sim, eu me lembro de você — interrompeu a *chef*, limpando as mãos sujas de farinha no avental branco para cumprimentá-la. — Você é a engenheira desesperada por um emprego.

— Não estou desesperada — resmungou Clara.

— Pois parece um pouquinho. Mas não tema, sei exatamente o que você precisa. A vaga já é sua.

— Sério? Mas você nem vai me entrevistar primeiro?

A *chef* apenas sorriu e indicou que a seguisse pelos bastidores. Apresentou os funcionários da cozinha, o corredor onde ficava o banheiro e onde poderia guardar suas coisas, também mostrou o salão e o bar.

— Seu teste começa agora — disse ela.

Gaguejando e nem um pouco preparada, Clara recebeu um avental preto e um prato para a mesa três com uma carne que cheirava como os deuses.

— Mas onde fica a mesa três? — perguntou ela, mas a *chef* já havia desaparecido de volta para a cozinha.

Um leve cutucão chamou a atenção de Clara: Tamires, do bar, apontou a direção que devia tomar. Clara respirou fundo e segurou a bandeja com ambas as mãos para ter certeza de que não ia deixar nada cair.

A mesa três ficava do lado de fora do salão, na ala a céu aberto; nela, uma

mulher de cabelos brancos lia uma revista de moda. Clara depositou o prato com cuidado — um medalhão de carne com molho branco, acompanhado de arroz e um purê de batata com um forte cheiro de alho — e sorriu sem jeito para a cliente. A mulher agradeceu com olhos famintos.

— Ora, ora, exatamente o que eu precisava, como sempre — disse ela impressionada, deixando a revista de lado e caçando os talheres. — Você é a nova garçonete? Qual seu nome?

— Clara, e pretendo ficar aqui por pouco tempo. É apenas um emprego temporário.

A mulher riu de forma elegante.

— É o que todos dizem quando chegam aqui.

— Não duvido, mas comigo será diferente.

Pela primeira vez, a mulher levantou os olhos para Clara e sorriu. Olhou-a da cabeça aos pés antes de cortar o bife no prato.

— Querida, eventualmente todos se rendem ao charme daqui, seja por causa da comida, dos funcionários, do ambiente... — Ela colocou um pedaço de carne na boca e suspirou. — Não subestime este lugar antes mesmo de começar.

Clara nem teve tempo de questionar a mulher, pois logo apareceram com outro prato para entregar. Enquanto adivinhava onde a mesa nove ficava, viu de soslaio Rafael falando com a mulher da mesa três. Claramente, ambos cochichavam sobre ela. Distraída, quando chegou à mesa nove, Clara deixou o prato bater no tablado de madeira, quase derramando a sopa de tomate em cima do cliente.

— Cuidado aí! Já basta o estresse na empresa, não quero acidentes aqui também — exclamou o homem de paletó que conversava ao celular. Ele franziu o cenho ao ver o prato na sua frente. — Pode devolver, eu não pedi sopa.

— Foi o que me entregaram na cozinha — disse Clara, verificando que a mesa era a certa, mas como só tinha recebido a bandeja e nenhum comprovante, viu-se perdida. — Ué. Tem certeza de que não pediu sopa?

— Eu lá sou homem de tomar sopa? Eu pedi um hambúrguer.

Clara bateu os braços ao lado do corpo, não fazia a menor ideia de como resolver aquele impasse. Porém, quando se inclinou para recolher o prato e o devolver para a cozinha, Rafael de repente apareceu ao seu lado.

— Desculpe, meu senhor, ela é nova e não sabe o que faz. — Ele ajeitou o prato na mesa. Às costas dele, Clara cruzou os braços. — Esta sopa é apenas uma entrada cortesia que a nossa *chef* enviou especialmente para você como prato de boas-vindas. É a primeira vez que vem ao nosso restaurante, então queremos que tenha uma experiência completa.

O homem guardou o celular e tentou não parecer lisonjeado. Pegou um guardanapo e colocou-o na gola da roupa. Rafael puxou Clara até alguns passos de distância.

— O que pensa que está fazendo? — disse exasperado.

— O pessoal da cozinha me entregou um prato que o cliente não pediu. — Clara esperneou. — O que você queria que eu fizesse? Eu ia devolver o pedido, oras.

— Não é assim que as coisas funcionam por aqui.

— Então eu acho que as coisas funcionam errado.

— Garçom, por favor — O homem da mesa nove limpou o queixo e disse: — Peça para cancelarem o hambúrguer. Essa sopa era o que eu precisava hoje, mande meus agradecimentos a quem estiver cozinhando.

— Claro, senhor. — Rafael assentiu com a cabeça e encarou Clara com reprovação. Ela revirou os olhos e o seguiu até a cozinha.

— Por que todos os clientes falam dos pratos como se precisassem deles? — questionou ela enquanto Rafael pegava o próximo pedido. — Por que enviaram um pedido errado para a mesa nove? Que história é essa?

Rafael suspirou e saiu do salão, deixando ela falando sozinha. Tamires, que ouvira tudo, se aproximou de Clara.

— Você nunca tinha vindo aqui antes?

— Não — respondeu Clara cruzando os braços.

— Com o tempo vai aprender como as coisas funcionam, mas não encren-

que com o Rafael. Ele é assim com todo mundo.

— Pudera, que cara chato!

— Ele só não tem paciência com os outros, mas é uma boa pessoa. — Clara bufou audivelmente, fazendo Tamires rir. — Com o tempo você se acostuma.

— Que seja, não vou ficar muito tempo trabalhando aqui mesmo. — Clara ajeitou o uniforme. — Mas eu preciso de um crachá enquanto isso. Os clientes parecem valorizar esse tipo de coisa.

— Eles podem ser bem intimistas às vezes.

— Como assim?

Tamires deu de ombros.

— Pessoas buscam conexão com outras pessoas, assim como buscam conexão com a comida que comem. Não é apenas um prato saboroso, é uma coisa que eles estão precisando naquele momento. Às vezes precisamos de sustância, outras vezes, de algo que nos acalente. Pessoas vêm aqui para satisfazer suas necessidades e não apenas para fazer uma refeição.

— Vocês são um restaurante, vendem *comida*. — Clara fez uma careta. — Nada além disso.

— Se é o que você pensa... — Tamires abriu um pequeno sorriso. — Mas às vezes nos enganamos.

Clara ajeitou o uniforme de novo. Sentia-se deslocada e desconfortável. O desespero havia feito com que se sujeitasse àquilo, escolher aquele bistrô tinha sido um erro. Quem começava a trabalhar no dia da entrevista? E nem tinha passado por uma! Aquele lugar era diferente, inusitado, assim como a *chef*. Clara suspirou, teria de esperar até uma alternativa surgir. Mas não ficaria sentada, não deixaria de enviar currículos ou conversar com as pessoas, apenas teria de aguentar um pouco mais.

Quase sempre no final do expediente, Clara via os funcionários dividindo a mesa e uma garrafa de vinho com os clientes. Pareciam sempre tão íntimos e enturmados que achava estranho aceitar os convites para se juntar a eles, então re-

cusava. Certa noite, depois de já ter tirado o uniforme, uma cliente a chamou. Era a senhora de cabelo branco que sempre lia uma revista de moda e deixava o pedido em aberto. Ela lhe tratava pelo nome e sempre sorria ao receber os pedidos. Clara estava para ir embora, mas foi atendê-la.

— Querida, poderia pegar mais guardanapos para mim? — pediu Dona Samantha. — Acabei derramando molho na toalha, eu sinto muito...

— Tudo bem, isso acontece. — Clara sorriu e pegou o pano de uma mesa vazia. Risadas estridentes soavam da parte mais interna do restaurante, onde todos os funcionários achavam graça da história de um cliente acalorado. Até mesmo Rafael estava rindo, uma expressão que Clara nunca tinha visto antes. Quando a avistou, o sorriso dele desapareceu por trás de uma taça de vinho, então ela desviou o olhar e sorriu de novo para a cliente. — Gostaria de mais alguma coisa?

— Obrigada, querida. — Ela a observava com interesse. — Por que não vai até eles, Clara?

— Eu já estava de saída...

— É mesmo? Parece que eles estão se divertindo.

— Eu não sei cozinhar, então não faço a menor ideia do que falar com eles. Acho que nunca conseguirei me enturmar de verdade. — A cliente continuava a observando, então Clara limpou a toalha com mais afinco. — Para não dizer que não sei fazer nada na cozinha, meu biscoito de canela é muito bom.

— Adoraria experimentar qualquer dia. — Dona Samantha sorriu. — Por que não fala isso para a *chef*? Rafael é *maître*, mas se não me engano é ele quem faz os doces que vendem no bar. Você podia fazer o mesmo, quem sabe.

Clara terminou de limpar a toalha e olhou mais uma vez para os funcionários em festa. Sentiu uma pontada de inveja, talvez um dia fizesse parte daquela família, mas não se sentia confortável entre eles ainda. De longe, Rafael continuava a observando e levantou a taça de vinho na sua direção. Sem saber exatamente como reagir, Clara se virou para a cliente e fingiu estar ocupada.

— Querida — disse Dona Samantha de forma discreta. — Sabia que desde

que você chegou no restaurante, aquele rapaz não para de falar sobre você? — O queixo de Clara caiu. A cliente abriu um largo sorriso e sorveu um gole de vinho. — Hoje, por exemplo, ele só lhe teceu elogios.

— É mesmo? — Clara sentiu-se zozza, seu coração palpitava. Aquilo parecia impossível. — E nos outros dias?

— Oh, isso você terá de perguntar pessoalmente a ele. Mas se quiser me dar um daqueles seus biscoitos, contarei tudo o que sei.

Clara assentiu. Despediu-se dela e foi embora testar receitas.

As semanas foram passando e, mesmo enquanto trabalhava, Clara continuava com o celular no bolso, pronta para responder qualquer sinal das vagas que tanto almejava. Contudo, depois de alguns dias, o som das notificações passou a ser sinônimo de desânimo e decepção. Nenhuma vaga retornava com uma resposta positiva e muitas sequer lhe respondiam. Seu mau humor cresceu com o tempo, assim como os seus embates com Rafael. Ele era insistente, impaciente e parecia pegar especialmente no seu pé.

— Clara, há pedidos te esperando na cozinha — demandou ele certo dia enquanto Clara recolhia os pratos usados de outra mesa. — Não demore para não entregar frio.

Rapidamente, ela colocou tudo numa mesma bandeja, mas assim que a levantou, os pratos estavam mais pesados de um lado e tudo foi ao chão. O estardalhaço de cerâmica, vidro e metal fez o salão se calar por um instante, retomando o burburinho de comentários logo em seguida. Clara ficou sem reação. Tudo havia desmoronado, uma sujeira espalhada pelo piso de madeira. Sem delongas, Rafael apareceu ao seu lado com uma vassoura e uma pá

— Eu cuido aqui. Destrambellhada desse jeito, vai acabar se machucando — disse ele baixinho, mas ela continuava imóvel. — Os pratos, Clara.

Ela piscou confusa.

— Mas eu que derrubei.

— Seus pedidos estão esperando.

— Não, eu posso limpar...

— Já disse que eu cuido disso, você tem mais o que fazer.

Ela respirou fundo e saiu batendo os pés. Entregou os pedidos segurando a bandeja com ambas as mãos para ter certeza de que não cairia nada. Ia com o rosto franzido, concentrada. Quando Rafael passou por ela de novo, a bagunça já resolvida, ele balançou a cabeça.

— Já vi você sorrindo antes, por que não sorri mais? — Ele tentou imitá-la, mas sua expressão de quem pouco sorria quase não alterou. — Você destruiu um jogo de pratos, mas não se machucou. Não precisa ficar com cara de velório o tempo todo.

— Essa é a única cara que eu tenho — respondeu ela.

— Bem, sinto muito, mas eu...

Ela se retirou sem esperar pelo fim da frase dele, afinal, tinha mais o que fazer.

Mais à noite, quando todos já haviam ido embora, os dois ainda estavam terminando de arrumar o salão. A costumeira confraternização entre clientes e funcionários fora transferida para um bar ali perto. Rafael havia ficado para resolver pormenores no bistrô e Clara tentava compensar o estrago do dia com algumas horas extras. Ele ordenou que passasse pano numa sessão de mesas, mas quando Clara colocou álcool na flanela e esfregou, o verniz da madeira começou a sair. Ela correu para encontrar uma toalha nova para esconder, mas quando voltou Rafael já havia descoberto o estrago.

— Quantas vezes preciso falar que nessas mesas é só um pano úmido?

— Mas eu sempre limpei com álcool em casa — disse ela.

— E aqui é sua casa por acaso?

— Você é um idiota, sabia?

— E você não? — Rafael cruzou os braços. — Você é imatura, demora a seguir ordens simples e retruca toda orientação que eu dou. Parece uma criança.

Clara bufou e saiu batendo o pé, seu coração palpitava e os olhos ardiavam.

Deixou ele falando sozinho antes que começasse a chorar, tinha um mínimo de dignidade a zelar. Pretendia se esconder na sala dos funcionários, mas a *chef* estava ali e não pareceu surpresa ao vê-la com o rosto vermelho de choro.

— Eu quero me demitir — disse Clara fungando.

— Você mal começou, não pode desistir agora.

— Eu não sirvo para trabalhar aqui.

A *chef* se levantou da cadeira e foi até a funcionária, oferecendo a ela um lenço do bolso. Clara agradeceu timidamente e secou as lágrimas.

— Eu deveria estar trabalhando em projetos, colocando em prática tudo o que aprendi na faculdade. — Clara fungou e engoliu em seco. — Eu me dou bem com números, planilhas. Detesto pessoas e coisas que fogem da lógica. — A voz dela embargou. — Rafael está certo, eu sou uma idiota.

— Por quê?

Clara levantou o rosto sem entender, e a cozinheira pegou em suas mãos.

— Por que você acredita nele quando ele te chama assim? — repetiu ela.

— Porque não sei lidar com pessoas, e aqui o atendimento ao cliente é um diferencial do restaurante. — Clara se encolheu com os ombros para frente. — Aqui vocês conhecem as pessoas pelo nome e tratam uns aos outros como se fossem família, até os clientes agem como se fossem parte da família. Sei lá, eu me sinto uma intrusa, como se estivesse atrapalhando uma reunião para a qual eu não fui convidada.

— Pois sinta-se convidada.

A *chef* então levantou o tom de voz.

— Rafael, sei que está aí. Entre, por favor.

Clara se virou, ele ouvia atrás da porta. Ao ver a expressão de culpa estampada no rosto dele, quis gritar. Além de insuportável, era um intrometido! Sua primeira reação foi ficar vermelha e agitada, mas a *chef* apertou sua mão.

— Leve Clara até a cozinha e faça uma receita para ela. Faça ela se sentir em casa.

— O quê? — Clara exclamou, mas Rafael já estava a postos e apenas a espe-

rando para irem até a cozinha. A *chef* piscou um olho e sorriu um “confie em mim”.

Bufando, a garçonete seguiu o colega pelo corredor escuro, o bar vazio e o salão onde as cadeiras dormiam sobre as mesas.

O restaurante à noite tinha uma aura liminar, como se tudo estivesse apenas esperando pelo momento certo para reagir e voltar à agitação do dia. Quando ligaram a luz da cozinha, Clara teve um momento de vertigem: os utensílios, que Clara jurava estarem à espreita no escuro, pareciam ávidos e espirituosos, como se a sua imobilidade fosse ínfima comparada à potencial capacidade de cozinhar algo extraordinário.

Clara observou Rafael recolher os ingredientes. As colheres e a panela pareciam dançar entre os dedos dele. A chama do fogão foi atizada com uma pederneira e regulado com o botão do gás. O leite condensado e o achocolatado em pó foram misturados e o tablete de manteiga, cortado e adicionado à receita.

Clara continuava encarando Rafael até perceber que ele parecia encabulado de alguma forma. Ele misturou os ingredientes e, rapidamente, o cheiro de brigadeiro encheu a cozinha.

— Também não sei lidar com pessoas — disse Rafael. Clara levantou uma sobrancelha, os olhos ainda vermelhos e doloridos. Ele imitou seu jeito de falar: — “Jura, Rafael? Nem poderia imaginar!” Pois é. Vou dizer uma única vez, então preste atenção.

Ele tomou fôlego.

— Eu não sei lidar com pessoas. Não sei lidar, principalmente, com mudanças e pessoas. E você é uma mudança, primeiro porque você não sabe como esse mundo da culinária funciona, segundo porque eu não consigo me dar bem com você.

Clara abriu a boca para rebater, mas ele a encarou com genuína incredulidade.

— Você questiona as regras mais básicas e me desafia o tempo todo. Eu não faço a menor ideia de como você funciona, e me assusta pensar que você seja interessante.

— Isso é pra ser um elogio?

— Sim! Você mexe com a minha cabeça de um jeito que eu não sei descrever. Eu não consigo pensar em outra coisa o dia inteiro que não seja você e isso é um terrível problema.

Os olhos de Clara lacrimejaram de novo.

— Por quê?

Rafael deixou os ombros caírem e desligou o fogão. O brigadeiro estava pronto. Ela o encarava com ultraje, machucada e indignada.

— Porque eu gosto de você, Clara. E isso é novidade até pra mim. Eu não sei lidar com pessoas, não sei *gostar* de pessoas, mas eu gosto de você e queria pedir desculpas pelo jeito que te tratei desde que você chegou. Confesso que no começo eu te vi como uma estranha, mas você não recuou comigo nem me ignorou. Você me peitou e isso nunca tinha acontecido antes. Você me tira do sério! Eu só não sei como reagir a isso ainda.

— E só por que agora você diz ter sentimentos por mim eu devo aceitar suas desculpas e engolir todas as barbaridades que você me falou?

— Claro que não, você não é obrigada a nada.

Rafael pegou uma colher de sobremesa e a encheu de brigadeiro. Ofereceu-o à Clara.

— Mas, se não for pedir muito, gostaria de propor uma trégua.

Clara tomou a colher dele e lhe deu as costas. Enquanto vagava pela cozinha, assoprava o brigadeiro até estar numa temperatura tolerável. Quando deu a primeira mordida, seus olhos lacrimejaram: nunca havia comido algo tão prazeroso na vida. Tinha gosto de conforto, como uma noite de filmes em meio aos cobertores, uma reunião calorosa entre amigos e familiares, ou ainda um consolo nos dias difíceis. Rafael soube fazer exatamente o que ela estava precisando naquele momento e isso a deixou genuinamente impressionada. A *chef* estava certa: Clara, enfim, se sentia bem-vinda.

Rafael colocou o resto do brigadeiro dentro de um pote hermético. Entre-

gou-o a Clara e disse:

— Vá para casa, eu termino de arrumar o salão. Estarei te esperando amanhã para o trabalho.

Clara deixou a colher de sobremesa na pia, pegou o pote e se retirou.

No dia seguinte, Clara chegou de cabeça baixa sem querer chamar a atenção, mas topou com a *chef* assim que entrou. Estava cedo e já tinha demandas a atender, por isso foi logo colocar o uniforme. Rafael estava na sala dos funcionários vendo a escala de trabalho com Tamires. Cumprimentou os dois de maneira educada e, sem falar nada, ele a observou enquanto colocava o avental e batia o ponto. Clara fingiu que tudo estava bem, mas suas mãos suavam. Na cozinha, tirou do bolso um pacotinho de biscoito de canela. Estava ansiosa para saber o que achariam da sobremesa.

— Gostoso — disse a *chef* ao experimentar. — Eu colocaria uma pitada de sal para acentuar o sabor. A receita é original? — Clara assentiu. — E por que decidiu fazer eles agora? Que mais sabe fazer?

— Faço arroz, feijão... De especial mesmo só esses biscoitos. — Clara coçou a ponta do nariz, envergonhada. — Uma cliente, Dona Samantha, me disse para tentar e quando vi o Rafael fazendo o brigadeiro, pensei se não seria uma boa ideia...

— Pensou certo. Já falou com ele, aliás?

— Eu não... Ainda não conversamos.

— Oh, dois tímidos. — Ela apertou as mãos de Clara em volta do pacote de biscoito. — Em breve vocês terão o que mais precisam. Confie mais em si mesma, está bem? Sinta-se à vontade para vendê-los no restaurante. Coloque na vitrine do bar se quiser.

Atordoada, Clara passou o dia focada no trabalho, esperando Rafael reclamar como sempre, mas estava tão ocupada que pulava de tarefa em tarefa no modo automático. À noite, enquanto atendia as mesas próximas à porta, avistou-o indo embora. Foi quando se deu conta de que não havia ouvido a voz dele o dia inteiro. Essa devia ser a tal trégua, mas com ela o dia parecia vazio, sem gosto e sem graça.

— Tchau, Rafael — disse sem pensar. Ele parou na soleira e sorriu meio torto.

— Bom trabalho, Clara, até amanhã — disse e foi embora.

As semanas seguintes no bistrô foram as mais tranquilas de Clara em toda a sua vida. De alguma forma, a preocupação com outras vagas de emprego também desapareceu. Entregar pedidos e cuidar do restaurante virou algo divertido. Aos poucos, fora conhecendo os clientes que, em troca, lhe tratavam com a maior familiaridade. Alguns chegavam a confessar coisas íntimas como dívidas, divórcios e o luto. Para essas, além do prato especialmente feito para eles pela *chef*, Clara entregava um dos seus biscoitinho de canela. Era a sua forma de consolá-los e demonstrar empatia. No começo achou que seria impedida ou até mesmo repreendida por Rafael — afinal, os brigadeiros do bar eram com ele —, porém ele parecia aprovar a medida de certa forma, pois ainda a encarava, mas com um brilho distinto no olhar.

Clara depositou o bule sobre a mesa três, de Dona Samantha. A *chef* tinha dado permissão para tomarem chá juntas já que o restaurante estava vazio naquela tarde. Quando mostrou o pacotinho de biscoito de canela para a cliente, ela abriu um largo sorriso.

— Ora, que delícia — disse ela ao morder um enquanto Clara a observava avidamente. Dona Samantha riu e se acomodou na cadeira. — Ele gosta muito de você, querida. Fala de você sempre que venho ao restaurante, te enche de elogios.

— Mas ele nunca fala isso para mim.

— Ele é tímido, fala mais pelas ações do que as palavras.

— As palavras dele machucam. — Clara olhou para o próprio reflexo no chá. — Pensei muito nesses últimos dias. Percebi que minhas palavras devem ter machucado ele também.

— Pois bem. — Dona Samantha sorveu um gole. — O que você pretende fazer agora?

Seu olhar recaiu sobre Rafael, que ajudava a organizar o salão. Àquela dis-

tância, era possível ver seu rosto brilhando de esforço, as sobrancelhas franzidas em concentração e as mãos firmes sob as bandejas, navegando entre as cadeiras com uma habilidade que apenas a experiência proporcionava.

Clara sentiu o rosto esquentar, e talvez não fosse apenas pelo chá.

— Eu acho que vou dar uma segunda chance — disse naturalmente.

A mulher também observava Rafael.

— Ele é um bom rapaz, Clara. Também acho ele frio, mas nunca faltou com respeito comigo.

— É, mas comigo já... Se bem que eu mereci e ele depois pediu desculpas também.

— E assim não está bom?

Clara se voltou para o chá que aos poucos esfriava.

— Eu tenho medo de me machucar.

Dona Samantha pegou em sua mão, as pulseiras em volta de seus braços reluziam como ouro.

— Por muitos anos eu tive medo do novo, de experimentar, de me arriscar. Então conheci este restaurante e descobri que estava me privando de muito por causa desse medo. Por que você não se permite também? Vá se quiser falar com ele. Eu e o chá continuaremos esperando por você.

Clara agradeceu e se levantou. Passou rapidamente no bar e depois foi até a sala dos funcionários, onde Rafael descansava, mas não entrou de primeira. Ele a fitou com as sobrancelhas juntas, confuso. Não era do feitio de Clara hesitar.

— O que foi?

— Eu queria te dar isso.

Ela depositou um biscoito sobre a mesa.

— Esse é o fim da nossa trégua — disse. Ele levantou as sobrancelhas, ansioso. — Aceito suas desculpas, mas com uma condição.

Rafael cruzou os braços, resabiado.

— E qual seria?

Clara respirou fundo. A vergonha fez suas bochechas arderem.

— Você vai sair comigo num primeiro encontro e, se não der certo, nunca mais falaremos nisso.

Rafael olhou para o biscoito, abriu a embalagem e mordiscou um pedaço. Clara comeu um também. O sabor era dominado pela canela, ardido e encorpado, quase uma afronta, mas o gosto residual era tão docinho e agradável que a ousadia se tornava louvável.

Rafael sorriu, impressionado, e se levantou.

— Pra quem não tinha jeito com culinária, você me convenceu.

— Ótimo. — Clara segurou um sorriso e chegou perto dele. — O que me diz? É pegar ou largar.

Rafael sorriu com o canto da boca e fechou a distância entre eles. Clara selou seus lábios com um beijo rápido e casto — apenas um gostinho do que estava por vir, um sabor intenso e novo e ao mesmo tempo aconchegante e familiar, como brigadeiro e canela. Exatamente aquilo de que precisavam.

# Como Água para Chocolate

**AUTORIA** DAVID EHRLICH

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** CAMILA PAIXÃO



David Ehrlich é natural da cidade de Detmold, Alemanha, onde passou os primeiros dois anos de vida. Suas experiências mais importantes, porém, foram colhidas em Curitiba-PR, onde mora. É formado em Comunicação Social – Jornalismo (UFPR) e especializado em Narrativas Visuais (UTFPR). É fascinado pelo fantástico mundo das artes, e em especial a literatura, em que sente maior liberdade. Desde bem pequeno ganhou enorme paixão pela leitura e pelo cinema, e logo se arriscou na criação de histórias.

Apesar de ser um gênero literário cheio de admiradores e com um amplo catálogo de clássicos, é curioso perceber como o realismo mágico é difícil de ser adaptado para o cinema, com poucos filmes que conseguem realmente capturar sua essência. Quando alguém acerta a fórmula, porém, o resultado final merece — e muito — ser elogiado. *Como Água para Chocolate* (1992) é um desses raros exemplos.

Mesmo tendo sido lançado há mais de 30 anos, este continua sendo um filme irresistivelmente romântico, **uma poderosa história de paixão e comida, temperada, é claro, com bastante realismo mágico.**

Produção mexicana baseada no aclamado best-seller de 1989, escrito por Laura Esquivel, o filme foi feito em uma parceria da escritora, que o roteirizou, com seu então marido Alfonso Arau, que o produziu e dirigiu. Inicialmente um ator — embora tenha continuado a atuar até os 85 anos —, após ganhar fama por seus papéis de bandido em filmes como *Tudo por uma Esmeralda* (1984) e *Três Amigos!* (1986), Arau voltou-se para a direção e, apesar de não dirigir um filme desde 2010, continua sendo um dos cineastas mais aclamados do México, antecipando-se no sucesso comercial e de crítica à onda de diretores mexicanos que a partir dos anos 2000 alcançaram grande sucesso de crítica e bilheteria, como Alfonso Cuarón, Guillermo del Toro e Alejandro González Iñárritu.

Tendo a Revolução Mexicana (1910-1920) como pano de fundo, *Como Água para Chocolate* é uma apaixonante história de amores perdidos e reencontrados, centrada em uma família de mulheres dominada pela tirânica matriarca Mama Elena (Regina Torne), uma viúva rica e aristocrática, dona de uma pequena fazenda nas planícies do norte do México, próximo à fronteira com os Estados Unidos. Mais especificamente, o filme gira em torno de Tita, a caçula de três filhas

de Elena. Segundo uma antiga tradição familiar, a filha mais nova da família está sempre fadada a ficar em casa e cuidar dos pais até a morte deles, o que significa que ela está também proibida de se casar e ter filhos.

A rabugenta Elena espera que Tita siga a tradição, e ela, de início a aceita tranquilamente, crescendo na cozinha — como a narradora do filme (Arcelia Ramírez) poeticamente diz, “*entre os odores da sopa de macarrão, do tomilho, do louro, do leite fervido, dos alhos e, é claro, da cebola*”.

Os anos passam, porém, e a menina torna-se uma bela jovem, que se apaixona pelo igualmente belo e jovem Pedro Muzquiz (Marco Leonardi). Ao perceber o romance, Elena — incitada tanto pela tradição quanto, em parte, por sua própria frustração amorosa — prontamente barra quaisquer sonhos da filha, obrigando-a a pôr-se em seu lugar através de constante abuso psicológico e inclusive físico, e propõe no lugar um noivado de Pedro com sua filha mais velha, Rosaura (Yareli Arizmendi). O rapaz aceita, porém unicamente na esperança de que, casado com ela, possa ter mais oportunidades de ficar perto de Tita, a quem realmente ama.

Inicialmente chateada demais para acreditar nisso (o que é perfeitamente compreensível), Tita fica, ainda por cima, encarregada de preparar o bolo de casamento. E é aí que entra o elemento mágico da história: tomada pela tristeza, ela chora sobre os ingredientes do bolo, e quando este é servido todos os convidados têm uma crise de choro. Descobre-se assim que as emoções que Tita sente ao cozinhar são transferidas para sua comida, e quem quer que a coma entra no mesmo estado de espírito que ela.

Com isso, a culinária deixa de ser para Tita um mero instrumento de serviço, e passa a ser também um de magia. É a comida que, ao longo do filme, lhe dá forças para recusar-se à conformidade com a tradição e determinação para correr atrás do coração de Pedro. Porém, estarão os dois destinados a ficarem juntos?

A **poesia e sensualidade** que *Como Água para Chocolate* exala pode ser sentida logo pelo título, que deve ter talvez uma das melhores inspirações da história do cinema, referindo-se a uma velha expressão em espanhol que descreve o preparo

tradicional de chocolate quente com água ao invés de leite: esta é esquentada, e logo antes de ferver, quando atinge a temperatura correta, o chocolate é colocado nela. No México, portanto, diz-se que alguém com as emoções à flor da pele é “como água para chocolate”, e é usada especialmente para se referir à pessoa em estado de extrema paixão ou excitação sexual — ou ainda, e mais comumente, ambos.

Se o título por si só já é uma iguaria, o filme como um todo é um banquete impressionantemente requintado para a alma, um conto de fadas para adultos *à la* Cinderela, que usa e abusa das tradicionais estruturas do melodrama latino-americano para contar sua história sobre amantes infelizes, porém incluindo todo o mistério e maravilha do realismo mágico, assim tornando-o também uma fábula sobre a ligação entre comida e desejo sexual (especialmente o não realizado), fome e amor, enfim, tudo aquilo que torna a vida humana mais viva, às vezes maravilhosa, às vezes triste.

Além disso, utilizando-se de pequenos momentos de humor e outras sutilezas criativas que não se colocam no caminho da trama digna de novela (a exemplo da própria ambientação de época), *Como Água para Chocolate* faz ainda uma crítica sobre os condicionamentos sociais que historicamente amarram as mulheres mexicanas, com a revolta de Tita e outras personagens contra as tradições que as impedem de serem felizes, representando simbolicamente um início de feminismo no país.

Embora a história toda gire em torno do desejo sexual e de ameaças de infidelidade, o filme não é sexualmente explícito — o momento mais erótico envolve justamente comida, em uma cena em que, a cada mordida de suas codornas ao molho de pétalas de rosa, os personagens são tomados mais e mais pela lascívia. Não é a primeira vez que um filme faz uma ligação entre comida e sexo: é só pensar em *A Difícil Arte de Amar* (1986), ou ainda na cena de *Tom Jones* (1963), adaptação de Tony Richards do clássico livro de Henry Fielding, em que o libertino personagem-título compartilha um jantar cheio de caras e bocas com uma mulher mais velha, cena esta famosa pela excitação e choque que causou ao público da época. Também

não é sequer o primeiro filme a fazer uma ligação entre comida e a condição humana — afinal, *Tampopo* (1985) e *A Festa de Babette* (1987) também já haviam feito isso antes. No que *Como Água para Chocolate* se destaca, portanto, é talvez em sua suntuosidade e romantismo, uma celebração comovente das alegrias e tristezas do amor, tornada ainda mais impressionante pela presença da magia e as formas misteriosas e inusitadas com que ela liga a paixão à comida.

Confesso não ter lido o romance no qual o filme é baseado — cujo consenso, pelo que pesquisei, é de que é um livro bom, mas não está ao nível dos clássicos do realismo mágico —, porém, mesmo que o diretor tenha — até onde eu sei — se mantido fiel ao material original, a produção certamente serve como uma boa propaganda para o livro, que inclui as receitas apresentadas (não à toa, seu subtítulo é “Romance em fascículos mensais com receitas, amores e remédios caseiros”).

Se você aprecia os prazeres da vida e as diferentes emoções que a comida pode causar, certamente vai ficar ao menos com curiosidade de experimentar o bolo de casamento ou ainda a codorna com rosas após assistir *Como Água para Chocolate*.

Ao final, o resultado é certamente um dos mais belos e surpreendentes filmes a terem sido lançados na década de 90, uma produção que, como água para chocolate, parece que vai explodir em paixão e sensualidade, uma história madura que não deixa de lado a pureza ingênua do melodrama, com sua mistura de romance, magia e crítica. Se você procura filmes românticos fora do convencional hollywoodiano, ou quer conhecer melhor o cinema mexicano, essa é uma opção potente e de sabor inebriante.



# Tempero do Amor

**AUTORIA** KÊNIA DIÓGENES

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** CAMILA PAIXÃO



Professora, ex-dançarina de quadrilha junina, amante incondicional da cultura popular nordestina e escritora. Mulher sempre preocupada com a condição e a vivência feminina, dificilmente a questão da mulher estará fora dos meus escritos. Ambientalista de paixão e formação. Aprendiz eternamente.

Já estávamos casados há quase 15 anos, oito a mais do dia em que ele deveria ter experimentado a receita. A instrução era clara:

**No dia do sétimo aniversário de casamento, servir, num jantar ou almoço em que os dois estejam a sós, a RECEITA DA VERDADE. Observação importante: O prato deve ser preparado e servido pela dona ou dono do livro de receitas, desde que a pessoa seja a escolhida.**

O primeiro grande empecilho foi realmente a parte do “estar a sós”. Na ocasião do sétimo aniversário de casamento já não estávamos a sós havia cinco anos: uma filha adolescente do meu marido, que viera morar com a gente ainda em nossa primeira gravidez, e duas crianças — uma de cinco e uma de três anos — já enchiam a pequena casa de três cômodos onde morávamos, há muitos quilômetros de distância da minha ou da família dele. Somos de extremos opostos do país — Rio Grande do Sul e Ceará. Quanto ao segundo empecilho, talvez o verdadeiro, eu não tinha certeza se queria que ele provasse a RECEITA DA VERDADE.

Quinze anos atrás, poucos dias antes do nosso casamento, minha mãe, sendo mãe, me passou a real:

— Minha querida filha, logo mais você entrará numa das jornadas mais loucas da sua vida, uma montanha-russa cheia de aventuras, uma trilha numa montanha depois da chuva, escorregadia, difícil de subir, com plantas, rochas e animais incríveis de serem vistos de perto enquanto caminha... E quando você chegar no topo, ver as maravilhas e se banhar nas águas frias do lago limpo, verá que a subida valeu a pena.

Fazer trilha era uma das coisas que eu mais amava, e a comparação com o

casamento era tão convincente quanto certa. É verdade que ainda não cheguei ao final, mas já subi bastante, escorreguei, me machuquei, mas conheci e vivi coisas incríveis ao longo desses anos.

O livro de receitas tinha sido da minha tataravó Zelma, que o deu para minha bisavó Laura, que o passou para a minha avó Dijé, para minha mãe Dora e para mim. Antes disso eu não sei a quem pertenceu, nem como ele foi escrito, só sei que a família da minha mãe é bem miscigenada, entre indígenas, africanos e europeus, então o incrível livro de receitas pode ter vindo de quase qualquer parte do mundo.

É bem verdade que o livro escolhia a dona (ou o dono, apesar de nunca ter acontecido), ele era passado para a primeira filha ou filho que anunciasse o dia do seu casamento. A presenteada deveria fazer a receita da primeira página, era uma receita simples demais:

#### **PROVE O MERECEMENTO (BOLO DE MILHO)**

Ingredientes:

- Milho
- Fubá de milho
- Óleo
- Ovos
- Açúcar
- Leite de coco

Modo de fazer:

Faça do seu jeito.

Aí era onde estava o segredo do livro, só se sabia dos ingredientes, sem as quantidades. Quanto ao modo de fazer, cada um dava o seu jeito. Na era da internet, ficava muito fácil pegar um modo de fazer qualquer para uma receita que estava em todos os sites de receitas que existem. No entanto, isso não importava: se você não fosse a pessoa escolhida pelo livro, o bolo desandava, queimava, ficava duro, algo dava errado.

Não foi o que aconteceu com o meu, que ficou perfeito, delicioso e rendeu

um agradabilíssimo café da tarde em família. Meu marido, noivo na época, adorou o bolo, talvez tenha tido a certeza de que queria seguir em frente depois de prová-lo, já que algumas horas antes, na hora do almoço, ao fazer o pedido de casamento oficial, meu pai o ameaçou de morte caso ele me fizesse infeliz. Em pleno 2007, essas coisas ainda aconteciam em cidades pequenas no interior do Nordeste.

O livro tinha receitas para situações diversas, como acalmar o coração, enxergar as maravilhas do mundo, navegar dentro de si e muito mais. Para cada receita um ingrediente especial, como se o princípio ativo desencadeasse o esperado com a receita.

Na noite do meu casamento eu fiz a receita que chamava FOGO INTERNO, eu não sabia muito bem do que se tratava, qual seria a reação da receita, mas desconfiei depois de ver qual era o ingrediente especial: pimenta dedo-de-moça.

Uma coisa interessante sobre o livro é que ele nunca tinha aspecto de velho e as receitas iam se modificando com o passar dos anos, pois quando fui fazer FOGO INTERNO, a minha avó perguntou “o que diacho era *penne tricolore*?”. Obviamente eu não deixei a velha comer o *penne*, meu avô era cadeirante na época e, se eu estivesse certa sobre o resultado, ele não dava mais no couro. Enfim:

### FOGO INTERNO

Ingredientes:

- *Penne tricolore*
- Camarão
- Ostras
- Aspargos
- Óleo de gergelim ou azeite
- Tomates cerejas
- Folhas de manjeriço
- Pimenta dedo-de-moça
- Sal

O modo de fazer já sabemos, fiz do meu jeito. Confesso que quase não en-

contro como inserir as ostras, mas no fim, deu certo.

Nosso casamento foi na praia, simples, já que não tínhamos muito dinheiro, e agradável, muito agradável. Os familiares do meu esposo não vieram, além de estarem a quase quatro mil quilômetros de distância, eu era seu quarto casamento, digamos que ele não tinha credibilidade entre os parentes. Os meus, por outro lado, vieram todos, até mesmo os que moravam distante. Depois eles me confidenciaram que fizeram questão de vir para conhecer a pessoa que havia feito eu mudar de ideia e querer casar. Pois é, eu era firme no propósito de me manter solteira.

Esperei os idosos e crianças irem embora e servi o prato aos meus amigos e parentes jovens. Meia hora depois de comer, as primeiras sensações já começaram a dar sinal.

Um casal de amigos, Gui e Leo, disseram que iam dar uma volta na areia, e ignorando qualquer perigo noturno, Gui já estava descendo com a mão dentro da calça de elástico de algodão cru de Leo. Os que já chegaram com o fogo aceso mal conseguiram segurar, Ju e Ju (Juliana e Jucier) começaram o vai e vem do amor no salão de dança. As mãos e as bocas estavam nos lugares mais deliciosos possíveis. Logo os demais casais entraram na bela dança do corpo, alguns se juntaram em quartetos, os solteiros trataram de se encontrarem, sem distinguir se os corpos eram masculinos ou femininos, mas buscando em cada um o que poderiam dar ao outro em prazer e gozo. Se lambuzaram em todos os fluidos corporais, sem preconceito, sem amarras, se amaram de jeitos que nem sabiam existir, que sequer sonhavam que conseguiriam.

Eu não comi o prato, meu marido tinha bebido uma garrafa de vodka e, antes dos parentes mais velhos irem embora, ele já estava dormindo. Guardei um pouco para a lua de mel. E fiquei olhando, me deliciando de mim mesma enquanto meus amigos e amigas mais queridas faziam isso em pares ou em grupos. No dia seguinte, o que se comentava era que o meu casamento tinha sido, apesar de toda a simplicidade na decoração, na comida e na cerimônia, o casamento do ano. Ninguém quis comentar o que houve e ninguém desconfiou do *penne*.

Assim eu fui cozinhando as receitas do meu livro, em momentos especiais, quando eu precisava ser um ombro amigo, quando alguém precisava colocar as coisas ruins de dentro de si para fora. Quando só precisávamos de alento (nesses momentos, sempre tinha chocolate).

Certa vez, meu grupo de amigas se reuniu num dos momentos que chamamos de “clube da Luluzinha”, sempre falamos de todo tipo de assunto, algumas mais desbocadas, outras mais contidas, o que era um pouco injusto já que sabíamos muito do que pensavam e faziam algumas delas e quase nada sobre outras. Nesse encontro resolvi levar uma bebida especial do meu livro, era uma espécie de chocolate quente, mas com um copo de um vinho do porto na receita, que deveria ser acrescentado no momento certo. Nosso encontro foi um sucesso, amigas que morriam de vontade de falar mais sobre elas soltaram a língua e se sentiram extremamente bem com aquilo, o elo de confiança e amizade foi aprofundado, dados muitos nós, saímos desse encontro muito plenas. Juro que a bebida não embebedava, o álcool saía no cozimento.

Enfim, fiz muitas receitas ao longo dos anos. Mas não tive coragem de fazer a **RECEITA DA VERDADE**:

Ingredientes:

- Macaxeira
- Queijo coalho

Para o molho:

- Pimentão
- Pimenta de cheiro
- Tomate
- Cebola
- Cheiro verde (cebolinha e coentro)
- Pimenta do reino (preta, branca e rosa)
- Pimenta calabresa
- Páprica doce

- Açafião
- Leite

Era uma torta de forno que poderia ir carne ou não, mas não fazia diferença para o resultado, desde que fosse servida no aniversário de sete anos de casamento. O casamento não tinha que ser necessariamente uma cerimônia, mas precisava ter uma data definida pelo casal.

Quando eu conheci meu marido, ele era o homem mais cheiroso que eu já havia conhecido, o mais inteligente também, e por causa disso — a coisa da inteligência — passei uns bons meses com muito medo de ele me achar desinteressante e me deixar. Ainda vivendo esse medo descobri, como vocês já sabem, que eu era seu quarto casamento, e que nenhum antes de mim havia durado mais que um ano, então foi muita tensão até completarmos um ano de casados, e para comemorar fiz FOGO INTERNO. No aniversário de dois anos nós já éramos quatro, uma filha fruto do FOGO INTERNO e uma do primeiro casamento do meu marido, que agora morava conosco. Foi assim no terceiro aniversário também. No quarto aniversário já éramos cinco, mais uma filha tinha nascido e ficar sozinhos se tornava cada vez mais complicado. E assim foram passando os anos e a coragem se esvaia.

Além do mais tinha a viagem. Nosso primeiro plano era montar um trailer e fazer viagens com relatos para TV, jornal, ou Youtube, o que ficou impossível com as filhas. Elaboramos muitas outras viagens, mas de uma nunca desistimos: a nossa viagem dos sonhos. Claro que tem trilha na programação, nós queríamos muito ir à Bonito, mas principalmente, queríamos ir ao Jalapão. Já se aproximava a data dos sete anos e a viagem não tinha saído ainda, fiquei com muita dúvida sobre o que fazer.

A RECEITA DA VERDADE era a única que tinha o objetivo claro, expresso em letras douradas:

**A RECEITA ACIMA DESCRITA TEM O OBJETIVO DE PREVER O FUTURO. AO COMEREM, O CASAL DECIDIRÁ, MESMO SEM SABER, SE FICARÃO JUNTOS OU NÃO. A CRISE DOS SETE ANOS É O MELHOR MO-**

## MENTO PARA A SEPARAÇÃO CASO O CASAL VENHA A SE DIVORCIAR UM DIA.

A nossa crise no casamento, contudo, tinha começado muito antes dos sete anos, logo com o nascimento de uma e a chegada da outra filha, ao ponto que, no sétimo aniversário, eu já nem sabia se queria continuar com aquele casamento. Estava sobrecarregada, infeliz, e com dúvidas se ainda amava meu marido. Tinha motivos de sobra para fazer a receita, mas ainda assim faltou coragem. Se naquela ocasião me perguntassem se eu queria continuar com esse casamento, talvez a resposta fosse não. Mas nunca tive coragem de fazer essa pergunta a mim mesma e muito menos de fazer a tal receita.

No nosso aniversário de dez anos, engravidei da nossa terceira filha, a crise tinha sido superada e queríamos nos dar uma nova chance. Até hoje não entendo como uma nova chance pode ser dada com o nascimento de mais uma criança. A probabilidade das crises aumentarem e o casamento acabar de vez era grande. Era a hora perfeita para fazer a receita, mesmo que significasse as malas arrumadas na manhã seguinte e eu criar uma bebê sozinha. É evidente que, raciocinando dessa maneira, a torta jamais sairia — e não saiu.

Enfrentamos crises financeiras, familiares, a adolescência das nossas filhas e as crises da vida adulta da filha dele, até que pensei que, talvez, se fosse para nos separar, esse seria um bom momento, eu já estava ficando madura (leia-se aqui com rugas, menos disposição física e aparecimento dos demais sinais físicos da idade) mas com alguma disposição para recomeçar.

Recomeçar foi o motivo de adiar a noite dos sete anos de casado para a noite dos quinze anos. Só em pensar na palavra “recomeço”, sentia uma cansa. Conhecer, descobrir se a química do sexo vai acontecer, descobrir se os defeitos podem ser suportados. E se o outro ou outra for ciumento? Não aguento gente ciumenta. Canso só de imaginar. Mas não poderia mais adiar.

Na noite que faríamos quinze anos de casados, dei um jeito de ficarmos a sós, as filhas mais velhas cuidaram da menor, eu vesti um vestido sensual, mas sem

exageros, me maquiei, passei um perfume gostoso e vesti uma calcinha sexy. Se era para nos separarmos que ao menos tivéssemos uma última noite maravilhosa. Quando me olhei no espelho, gostei do que vi, quase me arrependo de não ter feito FOGO INTERNO ao invés da RECEITA DA VERDADE. Mas precisava encarar aquilo de uma vez por todas.

Sáímos, tivemos uma ótima noite, jantamos — da torta que fiz em casa e levei para o motel, já havíamos feito isso em tempos de crise financeira, não foi surpresa nenhuma para meu marido —, transamos e voltamos para casa de madrugada.

Saí do motel já com uma expressão transformada, meu marido achou que o sexo tinha sido ruim, que ele tinha dito ou feito algo que me chateou, ele jamais poderia saber que aquela expressão significava apreensão, medo, pavor talvez. Ficou insistindo para eu dizer qual o problema, eu joguei a culpa no sono, no cansaço, mas nenhum de nós dois acreditou nisso. Coitado, nem desconfiou do que eu tinha acabado de fazer, ter decidido por minha conta própria, contrariando a tradição familiar, quando nosso casamento seria posto à prova. Teria ficado muito chateado se soubesse. Mas chegamos em casa e fomos dormir meio que “tudo bem”.

Em todos esses anos juntos, sempre fui eu a primeira a acordar e levantar. Mas nessa manhã foi diferente. Quando abri os olhos, as malas dele já estavam arrumadas (elas sempre eram as últimas a serem feitas quando íamos viajar), ele estava olhando nossa pasta de documentos; não me mexi na cama, me agarrei à última esperança de estar sonhando. Ele olhou diretamente nos meus olhos já cheios de lágrimas e disse:

— Vamos? Só falta você, já estamos prontos há horas.

Somente eu sabia da receita, não sei ao certo o motivo de esperar que nos separaríamos depois de tanta coisa que passamos, mas era o que eu esperava. Então demorei uns bons minutos para entender o que estava acontecendo. Por um minuto achei que era eu quem estava sendo posta para fora de casa. Mas as meninas entraram para me ajudar a terminar de ajeitar as malas que elas tinham começado na noite anterior, aproveitaram que estávamos fora para deixar a casa organizada.

Estávamos indo ao Jalapão, sim, aquela viagem que planejamos por vários anos e nunca deu certo, mas agora estávamos indo! Chorei descontroladamente, todos acharam que eu não queria ir, foi difícil parar para explicar a todos àqueles olhos preocupados que era felicidade, minha filha menor ainda ficou desconfiada.

Passamos uma semana fora. Meu marido não foi embora, nem eu. Ninguém abandonou o barco por mais que o mar às vezes ficasse revoltado.

A verdade é que não sei se a receita funcionou, afinal as regras foram um pouco quebradas — uma quebra de oito anos —, mas decidi que não vou mais pensar nisso, o futuro é obscuro por algum motivo, e ainda bem, talvez seja esse o melhor tempero do amor. Talvez se os casais soubessem que iriam se separar não haveria cuidado, os carinhos seriam mais dispensados, superação não seria uma palavra existente no vocabulário do amor, ou do casamento.

Alguns questionadores compulsivos podem estar se perguntando o porquê da RECEITA DA VERDADE não ser feita logo no noivado, assim evitaria investir num relacionamento fracassado. Confesso que cheguei a pensar nisso, mas, convenhamos, quantas histórias deixariam de ser vividas, né?

Se um dia minha filha mais velha resolver se casar, vou passar o livro de receitas para ela. Será que ela será mais prática do que eu? Se tiver receita de lasanha à bolonhesa, ela vai comprar uma congelada e esquentar? Será que vai funcionar? Não sei. Mas sei que quando eu entregar o livro direi para ela:

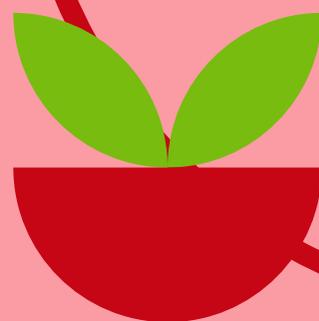
— Filha querida, logo mais você entrará numa das jornadas mais loucas da sua vida, uma montanha-russa cheia de aventuras, uma trilha numa montanha depois da chuva, escorregadia, difícil de subir, com plantas, rochas e animais incríveis de serem vistos de perto enquanto caminha, e quando você chegar no topo, verá as maravilhas e se banhar nas águas frias do lago limpo, verá que a subida valeu a pena. Mas não se preocupe se o topo é longe ou perto, aproveite o caminho, pare para descansar se necessário, crie energia nova e siga, siga sempre para o alto.

Não sei se o recado vai ficar claro, e nem se ela gosta de trilha tanto quanto eu. Não sei se o livro vai escolhê-la, talvez escolha a segunda ou a terceira filha, tal-

vez escolha a enteada, por que não? Mas o conselho será sempre o mesmo. Espero que elas entendam que, no amor, a jornada é melhor que o fim da trilha.

# Poção do Amor

**AUTORIA** THAÍS MELO



Thais Melo é uma artista brasileira autodidata, nascida na cidade do Rio de Janeiro. Com formação literária, experiência em artesanato e bordados livres, sua arte se baseia no uso da caneta/tinta em técnicas como delineado e pontilhismo. Situações cotidianas com um toque de surrealismo são meus assuntos favoritos.

Em 2022, começou a experimentar no mundo das Artes Plásticas pintando Arte Abstrata com tinta acrílica e oil pastel, a fazer miniaturas com materiais recicláveis e a ilustrar Artes Digitais.

Atualmente mora em sua cidade natal, desenhando, fazendo artesanato nas horas vagas e aprimorando cada vez mais sua arte de criar.



# Sachertorte

**AUTORIA** T. F. REYNARD

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** THAIS ROCHA



Patologista com sol em Gêmeos, ascendente em Câncer e tendência de falar muito sobre as Guerras Mundiais e doenças de pele. Quando não está tentando entender algo no microscópio, está pensando sobre escrever algo capaz de causar um quentinho no coração. De vez em quando, se os astros estiverem alinhados, também desenha.

*Fevereiro, 1938*

Aos 64 anos, Robin Fairweather se apaixonou novamente.

A cidade de Graz ocupava em sua mente o lugar reservado à nostalgia dos primeiros passos da vida adulta e da primeira decepção amorosa. Robin se lembrava dos telhados alaranjados, do vento gelado no rio Mur e das ruas salpicadas por estações de bonde cujos nomes eram um desafio para o seu alemão cultivado em uma sala de aula inglesa. Lembrava das viagens de trem no contrafluxo, saindo de Viena enquanto os estudantes de Graz iam para a capital nos finais de semana. Lembrava de ter ficado triste ao voltar para a Inglaterra, certo de que sentiria falta do lugar, apesar de estar acompanhado da pessoa que o ensinara a amar a cidade. Naquela época, a cidade era apenas nostalgia. Alguns anos depois, quando Tobias decidiu voltar e deixá-lo em Londres, ela passou a ocupar o canto da primeira decepção amorosa e a ser ressentida por Robin.

Mas, ao descer na estação central e observar a *Annenstraße* pela primeira vez em anos, seu coração acelerou. Ainda com a mala de viagem em uma mão e o pacote trazido de Viena na outra, ele caminhou até o rio Mur, fechou os olhos e sorriu ouvindo a correnteza. O Mur era muito menor e mais turbulento que o Tâ-misa, mas Robin o adorava e ouvindo-o, quase congelando sobre a ponte, ele se viu perdidamente apaixonado por Graz outra vez.

Continuou o caminho: pela praça central, pela ópera, pela loucura da troca de bondes na *Jakominiplatz*, por várias faculdades, a bordo dos bondes e a pé, até chegar ao novo hospital universitário. Ele havia amado o hospital antigo, talvez mais do que havia gostado do hospital de Viena, para onde fora a fim de estudar doenças de pele pouco após se formar em Medicina, mas foi preciso só alguns passos por entre os departamentos do hospital novo para que ele se apaixonasse.

Com ajuda do alemão meio enferrujado, conseguiu chegar na sala de dissecação no departamento de Anatomia e Patologia, onde poderia encontrar o professor Auspitz.

Robin ficou ao fundo do anfiteatro. Ele estava acostumado a ver sua irmã dissecar animais, mas nunca havia encontrado alguém que superasse a habilidade de Tobias Auspitz com um bisturi, e vê-lo em ação novamente fez seu coração acelerar.

Ele mal se mexeu durante os minutos que passou observando o homem que, enfiado até os cotovelos na barriga de um morto, ensinava aos alunos a beleza e a minúcia do corpo humano. Robin queria acreditar que tinha aquela mesma capacidade de transformar um assunto em poesia.

Como tudo desde que pisara novamente em Graz, a aula de anatomia foi uma viagem ao passado. Era outro auditório, outros alunos, mas a paixão com a qual Tobias falava continuava a mesma. Ambos estavam mais velhos (Robin com os óculos agora sempre no rosto, rugas no canto dos olhos e da boca, mais sardas do que gostaria e joelhos ruins; Tobias com uma bengala e os cabelos cacheados e escuros salpicados por muitos fios brancos, fazendo-o parecer o gato frajolinha que eles alimentavam na *Lendplatz* quando jovens), mas ainda eram capazes de chamar a atenção um do outro sem emitir uma única palavra, a julgar pela pausa que o professor fez quando finalmente viu Robin no fundo da sala.

Depois de mais de 30 anos, aguardar mais alguns minutos não pareceu muito. Tobias terminou a aula, fechou o cadáver e pediu ao assistente para o levar o corpo embora. Robin se encostou na parede e esperou que todos os alunos saíssem antes de ousar dar o primeiro passo em direção ao púlpito.

— Robin Fairweather — o anatomista falou enquanto limpava seus instrumentos. — Apesar das cartas, eu não achei que fosse vê-lo novamente.

— Estava meio difícil de viajar nos últimos anos.

— A guerra acabou em 1918, Robin, querido — disse Tobias ao virar com um sorriso. — Não tem mais essa desculpa.

— Isso também serve para você.

A vontade era de abraçar o outro homem e ouvir todos os pormenores de sua vida nos últimos anos, mas para isso precisavam de um escritório com uma porta fechada, pelo menos.

Tobias não se apressou. Quando terminou o que tinha de fazer, contrariando a ansiedade que começava a tomar conta de Robin, apenas falou:

— O que me diz de subir o *Schlossberg*?

*Maio, 1901*

— Por que você tem essas ideias toscas? — disse Tobias Auspitz, ofegante, ao alcançar o topo do morro do relógio.

Robin, sendo um inglês rico que provavelmente saía para caminhar por sua propriedade todo dia muito cedo, enfiado em *tweeds*, botas e boinas, não pareceu abalado pelas escadas ou pelo frio. Ele também não pareceu muito intimidado por talvez estarem fazendo algo ilegal ao subir o *Schlossberg* à noite... O portão das escadas estava destrancado, mas, tirando a luz do relógio, todo o resto estava escuro.

— Da próxima vez, você tenta não marcar todas as aulas para quando eu vier para cá — Robin resmungou, mas Tobias conseguia ouvir seu sorriso.

— Eu não posso faltar às aulas das quais sou tutor!

— Eu vim de Viena para te ver!

— E está me vendo agora!

— Na verdade, está meio escuro...

— Não fui eu quem decidiu passear em um parque no meio da noite ao invés de ir para casa. — Tobias observou o outro homem alcançar o coreto no fim do jardim, sentar-se apoiado nele e olhar ao redor.

Tobias caminhou até o limite do coreto, apoiou as mãos no parapeito e suspirou. Lá embaixo, Graz era as luzinhas das ruas e das janelas. Pequenininha e boa

para guardar no bolso, como Robin havia falado em sua primeira visita. Havia dias em que Tobias gostaria de se aninhar no bolso de Robin para ser carregado para lá e para cá, ir de Graz para Viena, para Londres, sempre ouvindo os batimentos do coração dele.

— Que tal parar de reclamar e vir aqui? — Robin chamou, tirando da bolsa uma lanterna, fraca o suficiente para não chamar a atenção de outra pessoa, e talheres. Por fim, o médico colocou no chão entre eles uma caixa de papel que havia trazido de Viena e gesticulou para que Tobias fizesse as honras.

— Você não pode me calar com doces — disse Tobias, sentando-se ao lado do outro e levantando a tampa da caixa, não contendo o sorriso ao ver o bolo de chocolate ali dentro.

— Não quero te calar com doces — o médico explicou e se encolheu um pouco. Robin era um homem grande e Tobias se surpreendia com a capacidade dele de se fazer parecer menor. — É só que... você é professor, não é? Ou *vai ser* professor! Eu sou mais aluno. Eu sei ouvir, mas sou meio ruim de falar. De colocar para fora. — Ele indicou o bolo de chocolate. — Então, eu tento mostrar de outro jeito.

— Mostrar o quê? — perguntou Tobias. Ele viu o outro homem suspirar e coçar a nuca. — Vamos, querido, use as suas palavras. Eu sei que você tem algumas guardadas, as que você não gasta falando sobre lesões de pele.

— Mostrar que eu gosto de você — Robin murmurou, engoliu em seco e continuou: — Que eu amo você. — Tobias quase pôde sentir o próprio coração derreter até ficar como a cobertura da torta. — E eu sei que você adora essa torta...

— Que infelizmente não posso comprar aqui — ele resmungou, antes de apanhar uma faca e começar a cortar. Quando conseguiu tirar um pedaço, se arrastou até estar sentado ao lado de Robin e lhe ofereceu o pedaço, erguendo-o até a boca dele. — Você foi muito gentil, então merece a primeira mordida.

Tobias sentiu o rosto se esticar em um sorriso enquanto observava o outro homem morder o bolo. Robin era quase hiper consciente do próprio tamanho, o que resultava em movimentos lentos e delicados. Tobias adorava ver como ele era

suave com tudo, até mesmo naquele momento, para morder um bolo, mastigar de olhos fechados, aproveitando cada nuance do sabor, e ainda sorrir no final.

— Você come como se não morasse em Viena e não tivesse o *Café Sacher* na sua porta.

— Mas eu gosto de comer a torta *com você* — o médico explicou.

Tobias sentiu a noite fria ficar quente de repente, riu para se distrair e usou a mão livre para limpar algumas migalhas que haviam ficado presas no queixo do outro homem. Então, foi a sua vez de dar uma mordida e não conseguiu evitar: fechou os olhos tal qual o companheiro, sentindo o bolo se desfazer na língua e o chocolate encher a boca. Havia poucas coisas que ele gostava tanto de ter na boca e duas delas estavam ali com ele naquele momento.

— Amanhã podemos procurar aspargo branco na feira — disse Tobias, após engolir. — Podemos fazer uma sopa de aspargo de noite, como você gosta. Que tal?

— Adoraria — disse Robin ao aceitar outra mordida do bolo.

— Será que consigo fazer uma torta dessas em casa? — ele murmurou, antes de rir. — Não me olhe assim! Não deve ser *impossível* achar uma receita...

— Bom, então acho que poderia tentar.

— Você experimentaria?

— Claro que sim!

— Você vai me estragar assim, querido.

Eles riram e Tobias se aconchegou ao lado do médico.

— Eu ficaria feliz se pudesse ser sempre assim — Robin murmurou tão baixinho que por alguns segundos Tobias achou que havia ouvido errado.

— Hm?

— Eu ficaria feliz se a gente pudesse viver assim: eu vou para a clínica trabalhar com a Peggy, na volta compro alguma comida; você vem da aula, pega mais alguma coisa no caminho... um vinho? — Ele sugeriu e torceu o nariz. — Chegamos em casa, preparamos a janta. Comemos juntos, bebemos, estudamos ou lemos, ouvimos um pouco de música—

— Poderíamos dançar.

— Você sabe que sou terrível.

— Quem se importa? Eu quero dançar para poder ficar perto de você — disse Tobias, esfregando o rosto no terno do outro. — Não para competir em um baile de valsas vienenses.

— Certo, podemos ouvir músicas e dançar. E... ir para a cama. Juntos.

— Descanso ou diversão?

— O que você preferir.

— Um pouco de cada. — Tobias virou o rosto e sorriu. — Você sabe que adoro quando você me abraça tanto quanto quando você...

— E acordar no dia seguinte juntos. Sem precisar correr para deixar outra cama bagunçada — Robin interrompeu, com o rosto voltado para a cidade. — Eu poderia fazer café da manhã... Peggy me ensinou a fazer omeletes.

— E ela?

— Peggy? Acho que ela prefere Viena. E ela estaria ocupada demais com... as modelagens dela. E os pássaros. E... bom... garotas, talvez.

— Oh.

Tobias se afastou, observou o rosto cansado do outro homem e ergueu uma mão para traçar as olheiras prematuras. Robin Fairweather tinha ares de quem ficaria grisalho ainda jovem, mas, naquele momento, Tobias ainda podia aproveitar o brilho dourado escuro dos fios sob a luz da lanterna. Ele afagou os cabelos do médico, esfregou o dorso dos dedos em sua bochecha e deixou as pontas dos dedos tocarem o lábio inferior, contornando o desenho deste. A verdade era que Tobias gostava de fazer isso quando não havia mais roupas envolvidas e ele podia acompanhar as pintas, cicatrizes e estrias pelo corpo do outro homem... em especial as estrias, que Robin tanto odiava até Tobias começar a beijá-las.

— Mas ela ainda está mais interessada nas modelagens e nos pássaros — o médico falou, antes de segurar a ponta do indicador do outro homem entre os dentes por alguns segundos. Quando o soltou, continuou: — Nós conversamos. Ela...

bom, você conhece a Peggy.

— Ela é sua irmã gêmea, querido — Tobias murmurou e sorriu, apanhando mais uma fatia de bolo e dando uma mordida. — Duvido que ela vá largar os projetos dela para correr atrás de uma moça.

— Edmund achou que essa viagem serviria para ela encontrar um noivo — disse Robin, antes de aceitar uma mordida. — Ou para eu encontrar uma noiva. Vai ser uma decepção para ele.

— Seu irmão já tem um título, uma mansão, algumas casas e muito dinheiro. Ele pode sobreviver sem cunhados e sobrinhos.

O relógio bateu meia-noite, sobressaltando-os e os fazendo rir logo em seguida.

*Fevereiro, 1938*

Eles não subiram até o topo do morro do relógio. Tobias os levou para um dos pequenos jardins ao longo da subida, onde se sentaram em um banco de pedra. Equilibrando sobre os joelhos a caixa que havia trazido, Robin observou a cidade abaixo deles com um sorriso.

— Está vendo? — Tobias apontou para a praça no pé do morro, onde uma bandeira vermelha balançava na parede de um prédio. — Estão por toda parte.

Robin havia percebido as bandeiras vermelhas com o círculo branco e o símbolo preto parecendo dois “S” cruzados no centro, principalmente na praça central. Elas destoavam do ar de conto de fadas da cidade.

— Há uns dois anos, o coordenador da universidade me falou que eu logo poderia fazer parte da chefia da Anatomia — disse Tobias, puxando de dentro da bolsa uma pequena caixa de papelão amarrada com barbantes. — Esse assunto não foi mencionado ano passado e esse ano... Bom, Rudolf Schneider foi indicado para a vaga.

Robin observou o outro homem abrir a caixa e viu ali dentro duas fatias de bolo de chocolate.

— Schneider faz parte da Sociedade de Eugenia — Tobias continuou enquanto tirava o lenço do bolso para usar de guardanapo. — Vários membros da Universidade de Graz fazem parte. Um dia desses, no refeitório, ouvi alguns conversando sobre soluções para os pacientes do asilo. — Ele entregou uma fatia ao outro. — Eu amo essa cidade, Robin. Eu nasci e cresci aqui, estudei aqui. Virei professor aqui. Nem sei quantos cadáveres dissequei aqui, mas... Eu não quero fazer parte disso.

— Tobias...

— Estão nos colocando para fora também, sabe? Do seu pessoal da dermatologia, você ficou sabendo do Pinkus<sup>1</sup>? O filho foi mandado embora de Breslau, acho que agora está na América...

— Se não me engano, o Pinkus pai não estava no comitê alemão no congresso em Budapeste uns dois anos atrás — disse Robin, franzindo a testa.

— Fiquei sabendo de um pessoal da Anatomia de Berlim que também foi dispensado. — O anatomista suspirou e levou o outro pedaço de torta à boca, fazendo uma careta discreta. — Daqui a pouco será a minha vez.

— Tem certeza?

— Você viu as bandeiras. — Robin deu uma mordida em sua fatia. Não era ruim, só era diferente de uma *Sachertorte* original. — Daqui a pouco vão estar por todos os cantos e vai ter gente marchando pela *Herrengasse* de bracinho erguido, pron-

---

<sup>1</sup> Felix e Hermann Pinkus foram dois dermatologistas alemães de família judaica no fim do século XIX e início do século XX. Pai e filho contribuíram imensamente para a área de dermatologia com seus estudos sobre anatomia, histologia e fisiologia da pele. Após Hitler chegar ao poder, eles foram aos poucos impedidos de contribuírem para os jornais de dermatologia e de continuarem com a prática clínica. Em 1935, Felix Pinkus foi deixado de fora da delegação alemã que participou do Congresso Mundial de Dermatologia em Budapeste e, em 1939, deixou a Alemanha de uma vez por todas e se estabeleceu nos Estados Unidos em 1940. Hermann Pinkus foi dispensado do trabalho e emigrou para os Estados Unidos em 1934.

tos para jogar uma pedra na minha janela. Isso é... *se eu morasse na Herrengasse.*

Tobias respirou fundo, soluçou ao soltar o ar e Robin notou o brilho úmido em seus olhos. O anatomista xingou e procurou pelo lenço de bolso, antes de lembrar que o havia entregado ao outro homem. Robin o salvou com o lenço macio e bordado que trazia consigo. Tobias fungou e apertou o tecido contra os olhos, depois contra o nariz. Quando afastou o pedaço de tecido e prestou atenção no bordado, o homem arqueou as sobrancelhas.

— A. A.?

O efeito foi imediato. O rosto de Robin ficou vermelho, suas orelhas ficaram vermelhas e até seu pescoço ficou vermelho.

— É um amigo...

— Robin. Nós fomos  *muito bons amigos*  por anos — disse Tobias, apoiando uma mão sobre o joelho do outro. — Tanto aqui na Áustria, quanto em Londres. Você não vai tentar me esconder isso, né, querido?

— Antônio Alves — o homem murmurou e aproveitou o momento para abrir a sua caixa. — Estamos juntos há... quase trinta anos.

— Trinta anos!

— Faz bem, ficar um tempo com alguém. — Robin mostrou o conteúdo da caixa para o outro, que gargalhou. A mesma torta, mas uma original, vinda diretamente do Café *Sacher* de Viena. — Não teve alguém assim nesses últimos anos?

— Oh, tive: Theresa. Ela era um amor de pessoa. Era enfermeira. Não durou tanto tempo. Ela pegou a gripe. Na verdade, eu peguei enquanto estava internado. — Ele bateu com os nós dos dedos sobre o próprio joelho direito, que emitiu um som oco de uma prótese. — Ela ficou cuidando de mim e acabou pegando, mas ela não aguentou. Desde então eu tenho... tido um encontro aqui e outro ali. É bom para conhecer gente.

— Theresa — disse Robin, sorrindo. — Ela devia ser uma boa pessoa.

— Oh, muito boa. Tinha as melhores mãos para pegar veias em criancinhas e tinha o cabelo loiro como mel, parecido com o seu. Ela tocava piano e cozinhava

muito bem. Aprendi algumas coisas com ela, mas claro que nem ela conseguia fazer a *Sachertorte* direito... Só que não resisti: quando você mandou aquela carta avisando que vinha, eu tive que tentar fazer uma para você.

Tobias puxou um relógio de bolso e, depois de se bater um pouco para abri-lo, mostrou a foto de uma garota loira de olhos muito claros. Parecia uma bonequinha, diferente de Peggy, que assustava nas fotos, apesar da beleza.

Depois de voltar a guardar Theresa no peito, Tobias olhou a torta original dentro da caixa de papel de Viena, sorriu e começou a chorar. Robin arregalou os olhos e, depois de alguns segundos sem reação, ergueu uma mão até o ombro do amigo e apertou de leve. A mão trêmula de Tobias alcançou a sua. O médico esperou, vendo as lágrimas caírem sobre o bolo de chocolate e sentindo o amigo tremer. Tentou afagar os dedos de Tobias com o polegar, mas não surtiu muito efeito. Quando o homem parou de chorar e deu os últimos soluços, Robin ajudou-o a ajeitar o terno e os cabelos, usou o lenço para secar seu rosto e então passou a cortar um pedaço do bolo original.

Tobias aceitou em silêncio. Mordida após mordida, de vez em quando fechando os olhos para saborear a torta, ou talvez o passado, a cor começou a voltar a seu rosto.

— Tobias — Robin chamou baixinho, sentindo-se mal por interromper um momento tão divino quanto aquele entre um pedaço de torta e um ser humano. — Vem comigo.

O anatomista inclinou a cabeça enquanto o olhava.

— Vem comigo para a Inglaterra. Saia daqui, pelo menos por enquanto — ele pediu e segurou uma mão do outro. — Você gostou de lá, não? Ainda estou em Londres, mas podemos encontrar um lugar para você em alguma universidade. Você iria amar York ou... Bath! Apesar de achar que você gostaria mesmo de Oxford.

Tobias olhou para a cidade a seus pés. O céu acima deles estava de um azul turquesa que se misturava com os primeiros tons de laranja e de roxo do final do dia. Lá embaixo, os telhados alaranjados se destacavam, assim como as bandeiras vermelhas.

— Onde vamos conseguir *Sachertorte*? — Tobias murmurou.

— Com certeza alguém sabe fazer ela em Londres — disse Robin. — Caso contrário, eu e Peggy vamos aprender. E Antônio vai nos dar apoio moral. Uma força tarefa.

— Para satisfazer a vontade idiota de um anatomista aleatório?

— Não é um anatomista aleatório — Robin murmurou. — Também já foi o amor da minha vida.

— Oh, Robin, querido...

— Na época, eu quis muito que tivesse dado certo. Eu te amava muito, sabe? — o médico explicou, percebendo que talvez não fosse um sentimento que havia ficado no passado ou que talvez tivesse sido reanimado pelos ares de Graz. — Mas hoje sei que era pra ter sido como foi. Assim cada um de nós cresceu, mas... a vida nos deu outra chance de nos encontrar, não é? Não sei se as coisas serão como eram, isso vai depender de você ou... de nós, mas... — Os dedos de Robin se entrelaçaram nos de Tobias. — Vem para Londres comigo. Eu disse para todos que levaria você para conhecer o Antônio. Ele ficou animadíssimo, sempre quis te conhecer.

O anatomista encarou os dedos entrelaçados e sorriu. Quando se viu sozinho pela primeira vez depois de alguns anos juntos, Robin entendeu o que era solidão. Ele tinha horror de pensar que alguém que amava podia sentir aquilo e, desde o momento em que pisou naquela sala de dissecação, teve medo de que Tobias pudesse estar perdido naquele sentimento. Quando sentiu os dedos do outro homem apertarem os seus e viu o sorriso no rosto dele, Robin suspirou aliviado: não seria daquela vez que Tobias ficaria sozinho.



**MER-  
LOT**

DENUMIRE DE ORIGINE CONTROLATĂ 2020  
PREMIUM PRODUS LA CELE MAI ÎNALTE STANDARDE  
FACUT DIN STRUGURI DE PROVENIENȚĂ LOCALĂ.  
S.C. Grana Villa Veche SRL, Loc. Sîria, Jud. Arad, R.D.  
Cămin - Conține Sulfiti • Lot Nr. NE03/010421  
www.villaveche.wine 17% Vol

# Receita para Ser Feliz no Amor

**AUTORIA** MAY POETISA

**EDIÇÃO** TATIANE LUCHEIS

**REVISÃO** THAIS ROCHA



May Poetisa, jornalista e escritora, em 2015, iniciou suas publicações no Lettera. Em 2017, participou da antologia "Isso também é preconceito" e lançou a obra "Do barro à essência", sobre a religiosidade afro-brasileira. Em 2022, integra as coletâneas "Futurismos", "Eu escritor", "Folclore - Contos Infantis", "Amor Nímio", "Mulheres - a face esquecida da guerra", "Ser diferente é normal" e "Gol de Copa".



## INGREDIENTES

- ♥ 2 colheres de açúcar ..... *para a relação ficar bem docinha*
- ♥ 1/2 litro de bom humor ..... *precisamos muito de leveza*
- ♥ 4 pitadas de empatia ..... *evita mágoas desnecessárias*
- ♥ 1 dúzia de carinho ..... *além de indispensável, é uma delícia*
- ♥ 3 xícaras de respeito ..... *sempre fundamental*
- ♥ 200 gramas de ternura ..... *intensifica o sentimento*
- ♥ 1 bocado de sinceridade ..... *é amar ao próximo*
- ♥ 2 doses de amor próprio ..... *sem ele não conseguimos viver bem*
- ♥ 1 quilo de paciência ..... *para boa convivência*
- ♥ Confiança a gosto, para polvilhar ..... *fortalece a união*

## MODO DE PREPARO

Adicione aos poucos todos os ingredientes, e lembre-se de dar atenção a todos eles, para que a receita não fique insossa. Aqueça com suas boas intenções, e não se esqueça de nenhum item. Tempere com emoção e deguste com quem te ama sem moderação.

## RENDIMENTO

Não se preocupe se vai render no futuro, aproveite cada momento intensamente.

# O Pote de Sopa no Fim do Arco-Íris

**AUTORIA** CORAL DAIA

**EDIÇÃO** EQUIPE EDITORIAL

**REVISÃO** THAIS ROCHA



Coral Daia é escritora de São Paulo, capital, mas atualmente mora no Recife. É mestre em oceanografia biológica pela FURG, mas vem publicando contos e ficções relâmpago desde 2019 em revistas, antologias e newsletters. Publicou a novela “Lua Errante” em 2019 e o conto “Inexistência aguda” em 2022 de forma independente. Hoje, trabalha como capista e leitora crítica. Além disso, ilustra e faz quadrinhos.

A chuva que caía não era daquele mundo. Olívia esperou o sinal abrir e saiu com a bicicleta pela rua que aos poucos ensopava. Uma fina camada d'água cobria o asfalto, refletindo as luzes dos prédios e dos semáforos como um caleidoscópio. Ainda era de tarde, mas as nuvens carregadas encobriam o céu como se fosse noite. Naquele ritmo, a rua de sua casa acabaria alagando, então pedalou mais rápido. Olívia usava uma capa de chuva fechada e um boné por baixo do capuz. Mesmo assim, era difícil ver o trânsito com as gotas escorrendo pelos óculos. Estava faminta, molhada e cansada — se não estivesse doente, com certeza ficaria. *Não posso*, pensou Olívia escorrendo com a bicicleta ao longo das sarjetas, *Faby está me esperando em casa. Se eu ficar doente, quem vai cuidar dela?* Motivada, Olívia seguiu pela rua do mercado e virou na esquina do estacionamento, onde prendeu a bicicleta.

Uma quantidade de pessoas além do confortável esperava pela chuva passar na entrada do mercado. Olívia precisou se esgueirar entre a multidão, molhando fregueses e transeuntes que se recusavam a dar um passinho sequer para o lado.

— Sai pra lá, garota, me molhou inteiro! — exclamou um homem.

Envergonhada e impaciente, Olívia rompeu para dentro do mercado, sumindo de vista para evitar confusão. Lembrou-se a si mesma de que precisava correr e comprar tudo logo para não ficar presa para fora de casa e, assim, perder o aconchego de Faby. Se desse sorte e chegasse cedo, quem sabe não conseguiria também assistir à novela com ela?

As telhas do armazém repercutiam um chiado alto, a chuva parecia ainda mais intensa lá dentro. Olívia pingava da cabeça aos pés, enlameando o piso sujo com seus passos molhados. Um funcionário munido de balde e esfregão a olhou feio, mas Olívia fez que nem percebeu. Abriu o zíper da capa de chuva e de um bolso interno, muito bem protegido, pescou a lista de compras e o celular. Digitou

uma mensagem para Faby:

**Olívia**  
Cheguei no mercado

**Faby**  
ufa! estava preocupada

essa chuva tá impossível

**Olívia**  
Chuva nenhuma vai me derrubar!

**Faby**  
linda <3

Aquilo fez Olívia sorrir sozinha no meio do corredor dos enlatados. Estavam juntas há uns bons quatro anos, mas só há três meses haviam se mudado para um pequeno apartamento alugado perto do Clube Esportivo. Lá, Fabiana lecionava natação para crianças e hidroginástica para idosos durante a semana. Tinha um problema em uma das pernas por causa de um atropelamento que sofrera quando criança e por isso usava bengala, mas sabia nadar como ninguém. O apartamento que dividiam era pequeno, mas o suficiente para comportar o trabalho remoto de Olívia, focado em design e ilustração. Sair da casa dos avós fora difícil, principalmente porque Olívia era um zero à esquerda em cozinhar e cuidar da casa. Já Faby tinha um histórico doméstico errante: saíra da casa dos pais muito cedo e circulara por inúmeras repúblicas, sempre à procura de um local onde pudesse fincar raízes. Morar juntas era uma experiência que ainda não sabia descrever, mas da qual gostava muito.

Olívia pegou uma lata de milho e saiu correndo pelo mercado atrás de uma cestinha. Sentia os tênis afogando os pés, tão molhados que poderia torcer a meia e encher um copo. A cada passo, um barulho úmido diferente.

Com a cestinha em mãos, revisou a lista de compras. No fundo, não era muita coisa — afinal, estava de bicicleta —, mas Faby havia sido veemente ao explicar a listagem dos ingredientes: a falta de um acarretaria num jantar incompleto. Olívia, que sempre vacilava com as tarefas de casa, se via na obrigação de comprar tudo. Sua missão era garantir um jantar delicioso, nem que para isso fosse necessário enfrentar fregueses insaciáveis, funcionários mal-humorados e preços caros. E a chuva torrencial que caía lá fora. Afinal, agradar Faby era a sua principal motivação, além disso a fome crescia e não poderia ser ignorada.

**Faby**

vi agora que estamos sem caldo de legumes

você pode pegar um pacotinho, por favor?

pode ser do de galinha também que serve

**Olívia**

Deixa comigo

Antes que pudesse esquecer, Olívia correu para o corredor dos temperos. De um lado, sachês dos mais variados; do outro, tabletes de caldo concentrado preenchiam prateleiras de fora a fora. Olívia fechou os olhos e tentou se concentrar. Qual era a marca que Faby usava mesmo? Quantos deveria pegar? Seu estômago roncou alto, então Olívia pegou um de cada e jogou na cestinha.

Quando saiu do corredor, topou com o funcionário da limpeza *de novo*. Era um homem velho e esguio, enrugado e grisalho, de ombros caídos e moral destruída. Ele bufou na direção dela e meteu o esfregão no chão, limpando o rastro de sujeira que Olívia espalhara pelo corredor. Sem ter onde enfiar a vergonha, ela saiu de fininho até o hortifruti.

Ali, o mercado estava em polvorosa. Era quarta-feira, dia dos descontos nas frutas, legumes e hortaliças. Tinha tanta gente que o burburinho das conversas para-

lelas até fazia esquecer a chuva desmoronando lá fora. Olívia decidiu deixar os itens mais pesados para depois, então foi até as geladeiras. Uma mulher falava ao celular com a voz aguda e estridente, parada na frente da porta dos temperos frescos.

— Licença, por favor — pediu Olívia, mas a mulher não a ouviu.

Tentou ficar na frente dela para chamar sua atenção, mas ela apenas puxou o carrinho um centímetro para trás e permaneceu no lugar. Fingia que não via Olívia, na maior cara de pau. Irritada, Olívia abriu a porta das alfaces, batendo de propósito no carrinho da mulher.

— Ei, cuidado aí! — ralhou ela, logo voltando a falar ao celular. — Não, é que eu estou no mercado e parece que só porque tá chovendo muito as pessoas acham que é o fim do mundo. Esse povo não tem um pingão de noção.

Olívia rosnou e fechou a porta da geladeira com ignorância.

— Poderia me dar uma licencinha? Com o seu carrinho na frente, eu não consigo pegar o que eu preciso.

A mulher a escrutinou da cabeça aos pés. Revirando os olhos, ela deu espaço — o suficiente para Olívia pegar cebolinha e salsinha, mas não o bastante para perder a vaga do carrinho. Foi quando Olívia percebeu que havia uma fila quilométrica nos caixas e a multidão no hortifruti se concentrava ali porque os demais estavam fechados. *Droga! Vou acabar presa aqui dentro desse jeito.*

Quando pegou o celular para avisar Faby, ouviu em alto e bom som:

— Grossa.

Olívia se virou na hora para a mulher com sangue nos olhos. Ela até se encolheu e fingiu que não dissera nada. Balançando a cabeça mais do que enfezada, Olívia saiu resmungando e batendo o pé, espalhando água para todo lado.

**Olívia**

Amor a fila tá gigantesca, acho que vou demorar

**Faby**

puxa! será que você consegue chegar a tempo da novela?

**Olívia**

Pior, não sei se consigo chegar antes da nossa rua alagar

**Faby**

vixe verdade!

**Olívia**

Ainda tem daquele meu macarrão na geladeira

Pega pra você

E eu vejo a reprise amanhã

**Faby**

e tu vai comer o quê?

**Olívia**

Eu compro uma besteirinha aqui pra mim no mercado

**Faby**

oxe

nada disso

eu vou fazer nossa janta

**Olívia**

Mas e a sua perna?

**Faby**

eu não aguento andar muito você sabe

mas ficar em pé não é problema

**Olívia**

E a novela? É o último capítulo

**Faby**

vejo a reprise contigo amanhã

tudo bem em demorar, linda

venha com calma

**Olívia**

Mas você não tá com fome??

**Faby**

fome eu tenho é de tu

Olívia levou a mão ao rosto, as bochechas fervendo como fogo em brasa. Faby tinha esse poder de deixá-la com as pernas bambas. Era preciso ter muito sangue frio para não acabar derretendo no meio do mercado — não de vergonha, mas de tesão. Faby não era apenas sedutora, mas esperta: conseguia desmontar Olívia como um castelo de cartas com meia dúzia de palavras. Quando estavam juntas, bastava um toque, um olhar, para o mundo pegar fogo.

**Olívia**

Você me espere

Jogou o celular dentro do bolso e respirou fundo, precisava se concentrar nas compras. Entre cada gôndola do hortifruti, uma fila serpenteava em direção aos caixas. Olívia não sabia onde uma começava e a outra terminava, então se concentrou em pegar batata e cenoura. O alho a granel estava nas últimas, então comprou um pacote fechado daqueles mais caros. Lembrou dos cogumelos e voltou para a geladeira. A mulher abençoada já tinha avançado o suficiente para liberar espaço. Pegou o cogumelo menos esquisito, emendou na fila e aproveitou para fisgar uma manteiga enquanto esperava.

Olívia conferiu a lista de cima a baixo e de trás para frente.

Não faltava nada. Estava tudo ali.

Tinha pegado tudo o que precisava para a sopa.

Segura de si, acompanhou o fluxo da fila, sempre batendo o pé no chão de forma impaciente. Tinha trocentos carrinhos na sua frente e a chuva não parava de cair. Acabaria mofando de tédio e de frio entre o hortifruti e as geladeiras. Pelo menos tinha aquelas revistinhas sobre celebridades na gôndola do caixa. Assim ficava sabendo do final da novela e também se distraía. Concentrada, chegou a esbarrar uma ou duas vezes (quem estava contando?) no carrinho de trás, fazendo a criança no assento espernear. Olívia pediu desculpas para os pais e se encolheu no lugar, morrendo de vergonha. Toda aquela agitação era fome, nos vários sentidos da palavra. Sabia que, se desse azar, teria de atravessar a frente do prédio onde morava, que sempre alagava, praticamente nadando. Com as compras e a bicicleta, isso seria praticamente impossível. Por isso, queria o quanto antes chegar em casa e tomar um banho quente...

Banho? Mas com que sabonete?

Olívia assumiu no rosto a expressão mais envergonhada possível e se virou para os pais que acudiam a criança no carrinho.

— Vocês poderiam segurar meu lugar na fila? — E sorriu com os olhos, a voz fina escorrida de verniz. — Esqueci uma coisa, é rapidinho.

Um dos homens segurava a criança no colo, tentando niná-la. Ele olhou para a fila e suspirou, assentindo.

— Eu seguro a sua cestinha — ofereceu o outro. — Assim você vai mais rápido.

Olívia entregou as alças da cesta para ele e deu no pé. Correu alucinada pelos caixas sem fila, escorregou no chão molhado, entrou no corredor dos itens de higiene, deslizou pelo piso e se segurou numa pilastra. Faby gostava dos sabonetes com cheiro de amêndoas, então encheu o braço com quatro ou cinco caixas e correu de novo.

— Desculpa! — gritou ela ao derrapar no mesmo lugar, dessa vez na frente

do funcionário da limpeza (em defesa dele, havia sinalizações de perigo que Olívia claramente ignorou).

Chegou a tempo no caixa de ser a próxima sem perder o lugar na fila.

— Obrigada, obrigada! — disse, alucinada. Recebeu uma careta como resposta dos pais e da criança. O homem que segurara sua cestinha deu um sorriso amarelo que não durou dois segundos.

— CPF na nota? — perguntou a caixa.

— O quê? — Olívia ainda ofegava com a corrida, seus ouvidos estavam surdos com o coração batendo à toda por hora.

— CPF na nota ou não?

— Não. — Na dúvida, era melhor dizer “não” para tudo.

— Sacolas?

— Não... Quer dizer, sim! Sim, por favor.

A mulher no caixa a olhou feio, fazendo um arrepio de ódio percorrer sua espinha, mas relevou. Pagou as compras com o vale alimentação e, enquanto esperava pelo empacotador, avisou que estava voltando.

**Faby**

volte bem <3

Aquilo a fez sorrir genuinamente. Guardou o celular dentro da roupa e saiu com as compras. Comemorou com um grito ao ver que a chuva havia dado uma acalmada e a multidão que antes tampava a entrada do mercado igual tapume agora havia se dispersado. O céu ainda estava fechado, mas menos raivoso. Uma brisa fria soprava pelo estacionamento. Se desse sorte, o caminho não estaria tão alagado. Olívia ajeitou as sacolas no guidão da bicicleta numa altura precavida, secou o banco com a manga comprida por debaixo da capa de chuva e deslizou até a saída.

O caminho de volta para casa era mais longo, pois precisava contornar algumas partes onde a ciclovía enchia de água. Com o guidão pesado, era difícil ma-

nobrar entre os carros.

Parou no último semáforo onde viraria na esquina da sua casa. Por um instante, o ruído branco da chuva contra sua capa parou. O cheiro de calçada molhada subiu do chão e Olívia levantou o olhar. As nuvens haviam clareado e revelado um céu intensamente azul. A luz forte do sol iluminava as nuvens e os prédios espelhados como se pincelasse uma camada de ouro líquido em cima. A brisa fresca deu lugar a um calor abafado, atíçando uma névoa cristalina no ar.

No meio das gotículas suspensas, um arco-íris se formou.

O sinal abriu, os carros se movimentaram. Olívia virou a esquina, seguindo o rastro das cores no céu. As poças no asfalto refletiam o arco-íris, formando uma estrada colorida em direção à sua casa. Parou em frente ao prédio onde morava e suspirou de alívio. O mar que geralmente inundava a via estava mais raso que o esperado, baixo o suficiente para os pneus da bicicleta deslizarem em segurança até a calçada. Até mesmo as janelas do prédio refletiam o arco-íris como se mostrassem o caminho para a felicidade. Olívia sentiu um aperto de saudades no peito. Deixou a bicicleta na vaga vazia da garagem e subiu pelo elevador de serviço.

O elevador fez um ronco ao chegar no seu andar e Faby já estava à sua espera no corredor com a porta aberta.

— Desde quando tá aí me esperando?

— Não sei, desde agora — disse Faby no tom mais indecifrável que Olívia já ouvira. Ela estava apoiada na bengala e deixou que a companheira entrasse para a cozinha antes de fechar a porta. — Deixe as compras na pia pra não molhar o fogão.

Olívia obedeceu e foi estender a capa de chuva na lavanderia. Logo em seguida, saiu abrindo as sacolas e rapidamente Faby se aproximou.

— Nada disso! Vai tomar um banho, que eu cuido aqui. Rápido pra não perder a novela.

— Mas...

Faby segurou seu rosto e beliscou demoradamente seus lábios com os dentes. Olívia se segurou na pia com o calor que subia pelo peito. Quando se afastaram,

Faby lhe entregou um dos sabonetes.

— E trate de secar o cabelo se não você pega um resfriado.

Olívia virou na direção do banheiro, mas antes que saísse da cozinha, Faby lhe deu um tapinha na bunda. Não ia perder a oportunidade.

— Ei!

— Banho!

Olívia estreitou os olhos e sumiu apartamento adentro. Contente, Faby separou das compras o que ia usar e colocou água para ferver. Limpou a batata e a cenoura, descascou e cortou-as em pedaços pequenos. Deixou cozinhando enquanto assobiava. Depois cortou a cebola que tinha em casa e o alho que Olívia trouxe bem picadinhos. Picou também os tomates do tamanhinho de uma cereja, sem deixar de jogar as sementes fora. Então, limpou e cortou os cogumelos.

Com manteiga, refogou a cebola, o alho e a salsinha, e deixou os tomates e o tablete de caldo de legumes derreterem. Escorreu a batata e a cenoura, macias o suficiente apenas para não se desmanchar fora da boca. Acrescentou água e deixou ferver no fogo médio. O cheiro da sopa inundou a cozinha e se espalhou pelo apartamento.

Quando Olívia apareceu com o cabelo seco, a sopa lhe aguardava ao ponto sobre o fogão. Ajudou Faby a arrumar a mesa e a colocar a panela no centro. Encheram os pratos, finalizaram com cebolinha e se acomodaram com a TV ligada. Por sorte, ainda estava passando a abertura da novela. Suspiraram de alívio.

— Será que a vilã vai presa? — perguntou Faby servindo-se de sopa.

— Sim, e ela vai ser presa durante o casamento da protagonista com o mocinho.

— Como você sabe?

— Vi na revistinha no mercado.

Faby riu.

— Só em novela mesmo.

— Ai, essa sopa tá com um cheiro dos deuses — disse Olívia e assoprou uma colherada.

— Só não é tão cheirosa quanto tu.

Olívia quase engasgou.

— Faby...

— Que foi? Não disse nenhuma mentira.

— É que você fala essas coisas e eu nunca estou preparada.

Isso a fez rir.

— O que eu posso fazer? É o meu jeitinho.

— Eu sei e eu adoro. — Olívia se inclinou na cadeira e a beijou.

— Fico feliz. — Faby sorriu. — Espero que goste tanto assim da sopa também.

Olívia tomou outro gole, dessa vez sem engasgar. O sabor era delicioso, escorria quente pela garganta até o fundo de sua barriga. Estava no ponto certo do sal e um tanto apimentada para dar aquele ânimo. Sua fome havia sido acalentada, correspondida e atendida. Sentia-se abraçada pela comida de Faby, pela sua companhia e seu amor.

Quando abriu os olhos e encarou Faby, os últimos raios de sol entravam pela janela, banhando-a com uma luz dourada. Percebendo agora, estava diante de seu mais precioso tesouro.

— Está uma delícia — disse do fundo do coração.

— Não está muito apimentada?

— Não, essa é a sopa mais gostosa que eu já provei.

Faby sorriu, ligeiramente corada. Olívia podia ter muitos pontos fracos, mas o de Faby era elogiar sua comida. Olívia esperou ela abaixar a colher e se inclinou para beijá-la. Ela fechou os olhos e suspirou quando se separaram. Olívia sorriu também e se serviu de mais sopa, o que deixou sua companheira imensamente feliz. Continuaram comendo enquanto assistiam a novela e só pararam porque a panela secou.

Olívia não se importava de a comida estar apimentada e duvidava que um dia iria se incomodar. Se fosse para viver aquela felicidade ao lado de Faby, faria tudo ao seu alcance, nem que fosse preciso enfrentar chuvas torrenciais e mercados lotados mais vezes. Pois sabia que, no final do arco-íris, Faby estaria lhe esperando

em casa com um prato delicioso de comida e um sorriso safado no rosto e isso era tudo o que poderia desejar.

# Biscoitos do Amor

Se não der certo de primeira,  
é porque sua história não é  
um livro único

Se ele não parece ter sido escrito por uma mulher,  
ele não vale a pena

Tudo depende de qual lado Taylor Swift você decide ver a vida

Escreva sobre seu coração partido.  
Ainda vai doer, mas pelo menos  
você pode chamar de arte

Lembre o que Jane Austen nos ensinou:  
tudo bem engolir seu orgulho se for por  
uma biblioteca em uma mansão

Nem todo mundo precisa de um cavaleiro em um cavalo branco.  
Está tudo bem querer uma pirata com um papagaio nos ombros...  
ou nenhum dos dois



# Apoie a revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

# Dê uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos.

# Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 [revistamacadoamor.com](http://revistamacadoamor.com)

 [@leiamacadoamor](https://www.instagram.com/leiamacadoamor)  [@leiamacadoamor](https://twitter.com/leiamacadoamor)

# Créditos

## Equipe editorial

Ana Farias Ferrari  
Camila Paixão  
Luísa Scheid  
Tatiane Lucheis  
Thais Rocha

## Equipe de design

Rafael Lopes

## Autores selecionados

Coral Daia  
David Ehrlich  
Kênia Diógenes  
May Poetisa  
T. F. Reynard  
Thaís Melo

## Apoiadores

Ariane Barreto Haagsma  
Bárbara de Lima Morais  
Elizabeth Fortunatti Albregard  
Érulos Ferrari Filho  
Igor Canko Minotto  
Nicole Alcântara Botelho

## Antigos Apoiadores

Benjamin Franco  
Camila Cristina Crosnag Fracalossi  
Daniele Ferreira  
Diego Toledo  
Lucas Eiji Kong Fukue  
Velani Salim Diz  
Willian Miyasaka